

Revista Diversidades nº35

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA - SECRETARIA REGIONAL DA EDUCAÇÃO E RECURSOS HUMANOS - DIREÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO
DIREÇÃO DE SERVIÇOS DE APOIO, GESTÃO DE RECURSOS E INVESTIGAÇÃO

Promessa de um Futuro...



Intervir Precocemente!

pág. 4 - 28





I Have a Dream

pág. 29



Refletir o Envelhecimento

pág. 32 - 33

- 3** **Editorial**
- 4** **Base Neurobiológica da Intervenção Precoce**
- 7** ***Don't Complicate Early Intervention: Focus on Engagement, Independence and Social Relationships***
- 10** **Deixa-me Fazer e eu Aprendo: A Aprendizagem da Criança mediada pelos Pais / Prestadores de Cuidados em Contextos Naturais**
- 13** **Modelo Transdisciplinar em IPI: Sim é possível!**
- 18** **Promoção de Práticas Inclusivas Baseadas em Evidências**
- 20** **Intervenção Precoce na DREER: Caminhos a Percorrer...**
- 23** **A Intervenção Precoce como “Âncora”**
- 24** **Um Programa de IP no Centro de Segurança Social da Madeira**
- 26** **A Terapia da Fala na Intervenção Precoce**
- 29** **Testemunho**
- 30** **Legislação**
- 31** **Espaço** 
- 32** **Espaço** 
- 34** **Espaço TIC**
- 35** **Livros**
- 36** **Notícias**

Ficha Técnica

Diretor	João Manuel Almeida Estanqueiro
Redação	Serviços da Direção Regional de Educação e Colaboradores Externos
Revisão	Núcleo de Informação, Multimédia e Informática Esta revista foi redigida ao abrigo do novo acordo ortográfico
Morada	Rua D. João n.º 57 9054-510 Funchal Telefone: 291 705 860 Fax: 291 705 870
E-mail	revistadiversidades@madeira-edu.pt
Grafismo e Paginação	Núcleo de Informação, Multimédia e Informática
ISSN	1646-1819
Distribuição	Gratuita
Fotos	Direção Regional de Educação / Elisabeth Silva / Érre Ortega / Filipe Rebelo / Guilherme Augusto Oliveira / Lina Bandiera

Deixa-me Fazer e eu Aprendo: A Aprendizagem da Criança mediada pelos Pais/Prestadores de Cuidados em Contextos Naturais

Ana Serrano - Instituto de Educação da Universidade do Minho

A forma como a Intervenção Precoce (IP) é concebida e implementada é fundamental para garantir benefícios para as crianças e suas famílias. Assim, os ambientes naturais de aprendizagem, as experiências de vida diárias, as oportunidades normalizadoras, bem como o envolvimento das crianças constituem veículos essenciais para demonstrar a eficácia da Intervenção Precoce (Dunst, Raab, Trivette & Swanson, 2010).



Dunst (2000) descreveu o que ele conceptualizou como modelo de IP de terceira geração que, de acordo com o autor, surgiu essencialmente por dois motivos. Primeiro, para eliminar quaisquer dúvidas acerca dos alvos da intervenção familiar e, segundo, para incluir os avanços conseguidos na investigação acerca de outros aspetos das influências ambientais e intervenções. As características da relação entre pais e criança e da criança devem ser incluídas de modo explícito em qualquer modelo proposto para evitar possíveis confusões sobre os alvos da intervenção familiar, numa abordagem sistémica familiar (isto é, a família como um todo e os seus membros, incluindo a criança como

principal alvo da IP) (Dunst, 2000).

A outra característica recente do modelo inclui as provas baseadas na investigação acerca dos fundamentos contextuais e socioculturais da aprendizagem e desenvolvimento da criança e os papéis desempenhados pelos pais na educação da criança e os estilos que poderão promover mais facilmente a competência da criança (Bornstein, 1991; Bronfenbrenner, 1999; Göncü, 1999; Lancy, 1996; Rogoff, Mistry, Göncü & Mosier, 1993, cit. por Dunst, 2000). Da forma como foi descrita por Dunst (2000), a conceptualização da IP no modelo de terceira geração inclui oportunidades de aprendizagem das crianças (Dunst & Burder, 1999), apoios às funções parentais (Cowan, Powell & Cowan, 1998) e apoios à família/comunidade (Trivette, Dunst & Deal, 1997), providenciados de uma forma centrada na família (Trivette & Dunst, 1998). Os elementos do modelo são os seguintes, respetivamente:

“As oportunidades de aprendizagem que encorajam o desenvolvimento da criança devem ser interessantes, envolventes, promover a aquisição de competências por parte da criança e resultar numa sensação de domínio das mesmas. Os apoios às funções parentais incluem a informação, os conselhos e orientação que servem para solidificar os conhecimentos e capacidades dos pais, que promovem a aquisição de novas competências, necessárias para assumir responsabilidades relacionadas com a educação de crianças e proporcionam oportunidades de aprendizagem que estimulam o desenvolvimento. Os apoios familiares e comunitários incluem qualquer tipo de recursos intra-familiares, informais, formais e comunitários, necessários aos pais para que tenham tempo e energia para se envolverem em atividades parentais e educativas. As práticas centradas na família atribuem às famílias

papéis centrais e essenciais no que diz respeito à tomada de decisões e ações que envolvem as prioridades e preferências da criança, pais e família” (Dunst, 2000, p.101).



Nos últimos cinquenta anos, assistimos a um tremendo aprofundar dos nossos conhecimentos sobre bebês e crianças e a IP beneficiou disso. O conhecimento que temos das capacidades dos bebês e das crianças, assim como do efeito que o ambiente tem no desenvolvimento global, ajudou-nos a clarificar quão importantes serão as primeiras relações entre o prestador de cuidados e a criança para o desenvolvimento desta última. Além disso, agora entendemos de que modo essas primeiras experiências influenciam a sua saúde, de um modo geral, e o seu desenvolvimento. Em suma, estas ligações teóricas vitais forneceram ao campo da IP uma base de entendimento sobre os contributos dos inúmeros fatores individuais que determinam o desenvolvimento global da criança e sobre a identificação de padrões específicos de estímulos ambientais que poderão otimizar os resultados a nível desse mesmo desenvolvimento (Guralnick, 1997). Particularmente relevante para o campo da IP foi a investigação que providenciou a base conceptual que afeta a nossa compreensão sobre o papel fundamental que o contexto desempenha no desenvolvimento global da criança. De acordo com Guralnick (1997): “Tiveram especial interesse os factores contextuais (e mais periféricos) relacionados com o apoio social providenciado pela família, amigos e comunidade em geral; a disponibilização de recursos financeiros e materiais para as famílias, o grau de coerência familiar;

o nível de stress conjugal; e as práticas parentais e expectativas desenvolvimentais estabelecidas a partir de padrões intergeracionais e culturais” (p.5).

Estes fatores contextuais associados às características das crianças irão afetar os padrões de interação da família e determinar os resultados finais obtidos pela criança a nível do desenvolvimento. Em lugar de considerar a IP como um modelo compensatório (Dunst, 1995), ou um conjunto de esforços dirigidos, para remediar características específicas das Necessidades Educativas Especiais (NEE), o modelo ecológico de intervenção reconhece a importância que múltiplos fatores desempenham no desenvolvimento da criança. Baseando-nos no pressuposto que o desenvolvimento é um processo interativo que acontece em níveis diferenciados e para o qual contribuem muitas variáveis, as experiências e intervenções são pensadas e selecionadas para prevenir os efeitos das NEE, minimizando os fatores de riscos e maximizando os fatores de oportunidade. Partindo desta noção de desenvolvimento como um processo contínuo para o qual contribuem muitos fatores internos e externos à criança, a IP pode desencadear resultados positivos de desenvolvimento (Dunst, 1995).

O interesse nos ambientes naturais como fonte natural de oportunidades de aprendizagem da criança tem sido, há muitos anos, foco de atenção de muitos antropólogos, psicólogos e educadores (Dunst, Trivette, Humphries, Raab & Roper, 2001). Estes princípios de aprendizagem e desenvolvimento aplicam-se a todas as crianças. Segundo McWilliam (2007), a aprendizagem das crianças não ocorre em repetições massivas, mas antes através de interações com o am-





biente, repetidas e dispersas no tempo.

De acordo com Bronfenbrenner (1995), as “influências do ambiente no desenvolvimento humano são maximizadas quando a participação das crianças nas atividades do dia a dia ocorrem numa base regular e ao longo de períodos alargados no tempo” (p. 620).

A fim responder às necessidades das crianças com NEE, os serviços de educação especial devem, sempre que possível, ser embutidos e providenciados no contexto da família ou na sala de jardim de infância, um ambiente natural onde as crianças passam grande parte do seu tempo de aprendizagem. Seguindo esta linha de pensamento, as terapias e os serviços especializados devem ocorrer nos locais onde a criança está presente, isto é, nos contextos onde se desenrolam as rotinas e atividades do seu dia a dia (McWilliam, 2007). Contudo esta metodologia pressupõe uma planificação e implementação complexa e a existência de um trabalho colaborativo sólido entre todos os intervenientes, incluindo os pais.

Da mesma forma que todos os pais, os pais de crianças com NEE ou em risco contribuem para a variabilidade do desenvolvimento e do funcionamento social e emocional dos seus filhos. E apesar dos resultados desenvolvimentais obtidos pelas crianças com NEE serem claramente afetados pela natureza ou severidade dos seus “handicaps” ou perturbações neuromotoras, a investigação acerca do impacto das interações pais-criança assume que os pais são o principal agente de mudança para estas crianças, e continuam a ser, mesmo quando elas participam na IP (Mahoney & SungHee Nam, 2011).

Assim, e para concluir, podemos dizer que a IP comporta as experiências do dia a dia que são providenciadas aos bebés e crianças pequenas pelos seus pais e outros prestadores de cuidados, no contexto de atividades de aprendizagem que ocorrem, naturalmente, na vida das crianças e que promovem as suas aquisições e a utilização de competências comportamentais, moldando e influenciando as interações pro-sociais com pessoas e materiais (Dunst et al., 2010). O papel dos profissionais de IP na aprendizagem da criança mediada pelos pais é de apoiar e fortalecer a capacidade dos pais em providenciar aos seus filhos experiências e oportunidades de reconhecida qualidade e características (isto é, práticas baseadas na evidência científica e empírica), apoiando e reforçando, deste modo, quer a confiança da criança quer a dos pais (Dunst et al., 2010).

Bibliografia

- Bronfenbrenner, U. (1995). Developmental ecology through space and time: A future perspective. In P. Moen, G. H. Elder Jr. & K. Luscher (Eds.), *Examining lives in context: Perspectives on ecology of human development* (pp.619-647). Washington DC: American Psychological Association.
- Cowen, P., Powell, D.; & Cowen, C. (1998). Parenting interventions: A family systems perspective. In W. Damon (Series Ed.), I.E. Siegel, K.A. Renninger (Vol.Eds.), *Handbook of Child Psychology: Vol.4. Child psychology in practice* (5th ed., pp 3-72. New York: Wiley.
- Dunst, C.J. (1995). *Factores de risco e oportunidade com influência no comportamento e desenvolvimento da criança e do agregado familiar*. Comunicação apresentada no IV Encontro de Intervenção Precoce, realizado em Coimbra, Portugal.
- Dunst, C.J. (2000). Revisiting “Rethinking early intervention”. *Topics in Early Childhood Special Education*, 20, (2), 95-104.
- Dunst, C.J. & Bruder, M.B. (1999). Family and community activity settings, natural learning environments, and children’s learning opportunities. *Children’s Learning Opportunities Report*, 1 (2).
- Dunst, C., Trivette, C., Humphries, T., Raab, M., Roper, N. (2001). Contrasting approaches to natural learning environment interventions. *Infants and Young Children*, 14 (2), 48-63.
- Dunst, C.J., Raab, M., Trivette, C., Swanson, J. (2010). Community-based everyday child learning opportunities. In R. MacWilliam (Ed.), *Working with families of children with special needs*. New York, NY: The Guilford Press,60-81.
- Guralnick, M. (1997). Second generation research in the field of Early Intervention. In M. Guralnick (Ed.), *The effectiveness of Early Intervention* (pp.3-20). Baltimore, MD: Paul Brookes.
- Mahoney, G. & SungHee Nam (2011) The Parenting Model of Developmental Intervention. In R.M. Hodapp (Ed.), *International Review of Research in Developmental Disabilities*. Elsevier: San Diego, CA.
- McWilliam, R. (2007): *Engaging every child in the preschool classroom*. Baltimore, MD: Brookes.
- Trivette, C.M., Dunst, C.J., (1998). *Family centered helping practices*. Paper presented at the 14th Annual Division for Early Childhood International Conference on Children with Special Needs, Chicago.
- Trivette, C.M., Dunst, C.J., & Deal, A. G. (1997). Resource-based approach to early intervention. In S.K. Thurman, J.R. Cornwell, & S.R. Gottwald (Eds.), *Contexts of early intervention : Systems and settings* (pp. 73-92). Baltimore: Paul Brookes.